

LEVANTAMENTO DO DISCERNIMENTO DE TUTORES QUANTO ÀS FORMAS DE  
TRANSMISSÃO DA ESPOROTRICOSE ASSOCIADOS A FELINOS DOMÉSTICOS  
(*FELIS CATUS*) NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

***SURVEY OF TUTORS DISCERNMENT WITH RESPECT TO THE MEANS OF  
TRANSMISSION OF SPOROTRICHOSIS ASSOCIATED WITH DOMESTIC FELINES  
(FELIS CATUS) IN THE STATE OF ESPÍRITO SANTO***

Pâmela Ketolen Vieira da Cruz<sup>1</sup>

Rafaela Duda<sup>2</sup>

**RESUMO**

Esporotricose é uma micose de transmissão alta, com evolução rápida para a condição crônica subaguda, sendo propagada pelo fungo dimórfico *Sporothrix*, geralmente por meio de trauma sofrido durante manuseio de plantas ou gatos domésticos infectados. Embora frequente, essa patologia é pouco divulgada e, por isso, esse trabalho objetivou analisar o discernimento da sociedade sobre a esporotricose em felinos domésticos e humanos. O estudo foi realizado por meio de questionário via *Google Forms*, destinado a tutores de felinos domésticos e, ao final, foi disponibilizada uma cartilha informativa sobre a doença. Obteve-se 148 respostas, em que 57,4% dos participantes declararam residir em casas. Ademais, 52% têm residências teladas e 66,2% não permitem acesso dos animais à rua. A maioria das pessoas possui de 2 a 5 felinos, dos quais 73,6% são castrados. Quanto à esporotricose, 72,3% já ouviram falar da doença, 55,4% já se contaminaram, 67,6% acreditam que a transmissão é pela mordedura e arranhadura de gatos doentes. Ainda, 81,1% dos participantes afirmaram que essa doença não tem cura rápida e que caso seu animal apresentasse sinais, 87,8% levariam ao veterinário. Em caso de morte, 68,9% entrariam em contato com veterinário para cremar o animal. A pesquisa levanta a necessidade de divulgar sobre a virulência da esporotricose em felinos e humanos, a conscientização sobre prevenção, manejo e contenção de felinos contaminados, impedindo uma possível epidemia no Espírito Santo, considerando que políticas poderiam ser implantadas para consultas, tratamento e esterilização dos animais de tutores mais carentes.

**ABSTRACT:**

Sporotrichosis is a mycosis with high transmission, with rapid evolution to a chronic subacute condition, being propagated by the dimorphic fungus *Sporothrix*, usually through trauma suffered during handling plants or infected domestic cats. Although frequent, this pathology is little publicized and, therefore, this work aimed to analyze society's understanding of sporotrichosis in domestic felines and humans. The study was carried out through a questionnaire via *Google Forms*, aimed at guardians of domestic felines and, at the end, an

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Salesiano – UniSales (pamela.cruz@souunisales.com.br)

informative booklet on the disease was made available. A total of 148 responses were obtained, in which 57.4% of the participants stated that they lived in houses. In addition, 52% have screened homes and 66.2% do not allow animals to enter the street. Most people have 2 to 5 cats, of which 73.6% are neutered. As for sporotrichosis, 72.3% have heard about the disease, 55.4% have already been contaminated, 67.6% believe that transmission is through the bite and scratch of sick cats. Still, 81.1% of the participants stated that this disease does not have a quick cure and that if their animal showed signs, 87.8% would take it to the veterinarian. In case of death, 68.9% would contact a veterinarian to cremate the animal. The research raises the need to publicize the virulence of sporotrichosis in felines and humans, raising awareness about the prevention, handling and containment of contaminated felines, preventing a possible endemic state in Espírito Santo, considering that policies could be implemented for consultations, treatment and sterilization of animals from more needy tutors.

## 1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma zoonose causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix*, muito comuns em países de clima tropical e subtropical. Estes microrganismos podem ser encontrados em diversos ambientes como solo e matéria orgânica e são responsáveis por acometer seres humanos e diversos tipos de animais, tanto silvestres quanto domésticos, sendo os mais comuns cães, cavalos, porcos e principalmente os felinos domésticos (ALMEIDA et al., 2018; TAVARES, 2018), que devido aos seus hábitos rotineiros, de cavar, enterrar as fezes na terra, de afiar as garras em troncos de árvores ou ainda devido a brigas, onde arranham e mordem uns aos outros gatos (normalmente gatos machos) ou outros animais (SANTOS, 2020), os gatos ganham um grande destaque na transmissão e propagação epidemiológica da doença (ALMEIDA et al., 2018). Além disso, o acesso de gatos à rua e as frequentes brigas que eles normalmente se envolvem deixam feridas e cicatrizes. Com isso fica difícil a identificação inicial da esporotricose pelos tutores (MENESES, 2012).

A transmissão do fungo acontece através da penetração cutânea do agente etiológico e pode ocorrer de diversas maneiras, desde arranhaduras, lesões, machucados expostos, a partir do contato direto com áreas contaminadas como solo, vegetais, espinhos, musgos e madeiras (DA SILVA et al., 2020), além do contágio ser facilitado para profissionais que atuam no manejo rural, jardinagem, construção civil, médicos veterinários e pessoas com contato direto com gatos contaminados (TAVARES, 2018).

A esporotricose pode ser caracterizada em cinco formas clínicas, que são cutânea localizada (fixa), cutâneo-linfática, cutânea disseminada, mucosa e extra-cutânea ou sistêmica (BARROS et al., 2010). Dentre estas, a mais comum é a linfocutânea, que além de acometer os gânglios regionais linfáticos, é também responsável por acometer os tecidos da pele e o tecido subcutâneo (ALTERTHUM, 2015).

Essa enfermidade é causada por fungos do gênero *Sporothrix*, sendo que há duas espécies com maior ocorrência no Brasil: *S. schenckii*, isolada principalmente nos Estados Unidos e na América do Sul, e *S. brasiliensis*, a qual é a principal responsável pelos surtos epidemiológicos no Brasil (ROSSATO, 2017). Os surtos zoonóticos de esporotricose estão associados aos felinos domésticos, que são o reservatório majoritário do fungo e, consequentemente, os principais propagadores da doença, pois, além de transmiti-la para outros felinos, também podem disseminá-la para outras espécies de animais, incluindo humanos (ALMEIDA, 2018).

No Brasil, Lutz e Splendore em 1907 descreveram os primeiros casos envolvendo ratos e humanos no Estado do Rio de Janeiro. Desde então, vários casos e surtos vêm sendo relatados em várias regiões do mundo, na maioria relacionados ao tipo de trabalho e à convivência com animais domésticos (BARROS, 2010). A negligência da doença no País fez com que houvesse descontrole sobre a ocorrência de casos em estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, os quais são as áreas com maior incidência de episódios zoonóticos devido à quantidade de animais e humanos doentes (STECANELLA, 2019).

Em Vitória, capital do estado, a doença pode ser considerada uma endemia zoonótica (BONN, 2021). Em Janeiro de 2020, foi instaurado o Sistema de Informação em Saúde E-SUS VIGILÂNCIA EM SAÚDE (E-SUS VS) como meio oficial para notificação compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados do Espírito Santo (ESPÍRITO SANTO, 2020). No entanto, estima-se que haja de 2 a 3 mil animais com esporotricose no Estado e, devido a isso, os consultórios veterinários passaram a realizar as notificações compulsórias de casos em animais a partir de março de 2022 (ESPÍRITO SANTO, 2022).

Portanto, o estado do Espírito Santo está em alerta, pois os casos tornaram-se um problema de saúde pública, já que o município apresentou 2.224 casos de esporotricose, sendo 2.198 felinos e 26 caninos. Dos 78 municípios, 29 confirmaram a doença associados aos animais ((ESPÍRITO SANTO, 2022). Essa adversidade, são em sua maioria pelo abandono ou acesso de animais doentes, sendo os gatos, os mais comuns que contaminam outros animais saudáveis, principalmente aos que têm acesso à rua (SANTOS, 2020).

Nessa perspectiva, objetivou-se neste trabalho compreender o conhecimento dos tutores de felinos domésticos acerca da esporotricose, além de elaborar uma cartilha informativa sobre a doença com informações sobre a doença bem como orientações sobre locais de apoio para diagnóstico e tratamento para gatos e humanos.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 ESPOROTRICOSE

A Esporotricose é uma zoonose causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix*, muito comum em países de clima tropical e subtropical. Esses fungos são responsáveis por acometer seres humanos e diversos tipos de animais, tanto em silvestres quanto aos domésticos, sendo os mamíferos os mais acometidos pela doença. No entanto, os felinos domésticos ganham um grande destaque, haja vista seus hábitos rotineiros e o acesso a rua, faz com que esses animais se tornem o principal transmissor e propagador epidemiológico da doença (MARQUES et al., 1993). O fungo da esporotricose é conhecido por seus micro e macromorfológicos distintos que variam conforme a temperatura e ambiente em que se encontram, em que a 25°C o fungo se apresenta de forma filamentosa e a 37 °C tem o formato leveduriforme, sendo esta a forma encontrados em humanos e felinos (LARSSON, 2011).

A inoculação da doença acontece através da penetração do agente etiológico e pode ocorrer de diversas maneiras, desde arranhaduras, lesões na pele, machucados expostos. Além disso, algumas espécies do gênero *Sporothrix* é adepto a solos ricos em matéria orgânica e com isso é possível contrair a esporotricose a partir do contato direto com áreas contaminadas como: solo, vegetais, espinhos de plantas, musgos e madeiras (BAZZI, 2016; DA SILVA et al.,

2020), ademais, pessoas imunossuprimidos podem apresentar maiores chances de ter falhas no tratamento ou recidivas da doença (ROSA, 2017).

#### 2.1.1 ESPOROTRICOSE CUTÂNEA LOCALIZADA (FIXA)

A forma cutânea localizada ou fixa, sendo essa mais comum em crianças, é representada por ter uma ou algumas lesões no local da inoculação, sendo geralmente a forma de um úlcero-crostosa, com bordas eritematosas e sem acometimento linfático detectável (FERREIRA, 2016).

#### 2.1.2 ESPOROTRICOSE CUTÂNEA LINFÁTICA

Essa é uma forma muito característica, independente do local da lesão. São evidentes um cancro de inoculação que vai se multiplicando sendo carregado para os linfáticos, com isso, ocorre as reações de linfangite e supuração dos gânglios que se fistulizam para o exterior. A principal inflamação dos gânglios ocorre nos membros superiores e também pode ocorrer nos membros inferiores, formando características semelhantes a de goma e vão se agrupando ao longo dos linfáticos (MORAES, 2018).

#### 2.1.3 ESPOROTRICOSE CUTÂNEA DISSEMINADA

Esse tipo de esporotricose é o resultado de disseminação hematogênica, ou seja, se refere a múltiplas feridas ocasionada pelo fungo que tem partida no momento da inoculação inicial, além disso, ela se trata de uma doença oportunista que pode se agravar dependendo do grau de imunodeficiência e o consumo de álcool (NETO et al., 1999).

#### 2.1.4 ESPOROTRICOSE EXTRACUTÂNEA OU SISTÊMICA

É pouco comum os acontecimentos da esporotricose extracutânea, esse tipo de esporotricose é contraída através da inalação e comete menos de 5% dos casos (BARROS et al., 2010). Nesse tipo, o tecido osteoarticular pode ser acometido e as lesões presentes podem acontecer por contiguidade ou disseminação hemática. Em pacientes com sistema imunológicos comprometidos como: transplantados de órgãos, leucemia, câncer, diabéticos, pessoas com HIV, dentre outras enfermidades ou que fazem uso de substâncias como por exemplo o álcool, pode ter os órgão e tecidos comprometidos por esse tipo de esporotricose, causando a eles, lesões pulmonares, no sistema nervoso, nos testículos e nas mucosas ocular, oral, nasal, faríngea, laríngea, dentre outras problemas. Já na forma sistêmica é considerada rara e quando há relatos de casos, os pacientes sempre tem alguma comorbidade ligada a à deficiência imunológica (FERREIRA, 2016).

### 2.2 FUNGOS *SPOROTHRIX*

Atualmente, existe catalogadas o complexo *Sporothrix*, que compreende diferentes espécies como *S. schenckii*, *S. brasiliensis*, *S. globosa*, *S. mexicana*, *S. luriei*, *S. pallida* e *S. chilensis*. Quatro delas já foram isoladas no Brasil, mas a *S. brasiliensis* é a espécie mais prevalente no Brasil (SANTA CATARINA, 2022).

### 2.2.1 *Sporothrix schenckii*

O *Sporothrix schenckii* é o agente etiológico responsável por causar a esporotricose, um fungo cosmopolita que possui diferentes dados morfológicos e fenotípicos que determinam diferentes linhagens genéticas desta espécie (MARIMON, 2020). Além disso, o *S. schenckii* pode ser encontrado na forma micelial quando está no meio ambiente e in vitro em temperatura ao redor de 25°C, quando o mesmo está em parasitismo ou in vitro a uma temperatura de 37°C apresenta forma de levedura (MADRID et al., 2014).

Pouco se sabe sobre o grau de virulência do *Sporothrix* spp., devido ao mesmo apresentar telemorfo pouco estudado. Entretanto, semelhante a muitos microrganismos, o *S. Schenkii* possui virulência, que os beneficia, promovendo a sua sobrevivência em variados ambientes e temperaturas que podem contribuir para sobrevivência e o seu crescimento no hospedeiro (FERREIRA, 2018). O *S. Schenkii* sensu lato possui grande prevalência em países e apesar de serem descritos como endêmicos em regiões algumas regiões de climas favoráveis, ele também se mostrou predominante em províncias com variantes temperaturas como Jilin (média de 2 ° C a -6 ° C) e Guangdong (média de 19 ° C -24 ° C). Portanto o *S. Schenkii* não é muito bem compreendido (CHAKRABARTI et al., 2015).

### 2.2.2 *Sporothrix brasiliensis*

A princípio em 1900, acreditava-se que apenas o fungo *Sporothrix schenckii* era o responsável por transmitir a esporotricose, mas depois de estudos fenotípicos e genotípicos em animais e humanos, comprovou-se a existência de uma variedade de espécies do gênero *Sporothrix*, sendo que a *Sporothrix brasiliensis* a de maior virulência e no geral, a principal responsável pelos surtos epidemiológicos no Brasil (ROSSATO, 2017; ROSSOW et al., 2020).

Em uma área endêmica com surtos de esporotricose no Rio de Janeiro 93% era por *Sporothrix brasiliensis*, sendo que destes, 88,9% tiveram contato com gatos. Enquanto que para o *Sporothrix schenckii* foi identificado em cinco pessoas, sendo ela três homens e duas mulheres. Com base nesses estudos pode-se notar que *S. brasiliensis* é responsável pela maioria das infecções disseminadas, principalmente em pacientes que apresentam imunocompetência ou outras comorbidades. Apesar disso, pode perceber também que o *S. brasiliensis* apesar de ser mais virulento, dependendo do estado imunológico do paciente, esta espécie tem uma melhora mais significativa e mais rápida com antifúngicos intraconazol (PAES, 2014).

Um levantamento realizado no estado do Espírito Santo, submeteu algumas amostras para identificação das espécies, onde demonstrou que os casos que deram positivo para o *S. Schenkii* estava associado a transmissão direta do solo e por vegetais, já o *S. brasiliensis* a transmissão ocorreu através da arranhadura de felinos (*Felis Catus*) infectados ou doentes (ESPÍRITO SANTO, 2022).

## 2.3 EPIDEMIOLOGIA

O primeiro caso de esporotricose ocorreu nos Estados Unidos no ano de 1989 e foi detalhada por Benjamin Schenck, onde descreve o primeiro caso da doença em humanos (MENESES, 2012). Já um outro caso muito conhecido, ocorreu em 1900 em Chicago, onde devido a um

caso clínico, Hektoen e Perkins (1900) conseguiram identificar a morfologia detalhada do patógeno, nomeando então o patógeno de *Sporothrix schenckii* (CHAVES, 2011).

A esporotricose pode ser encontrada em diversos ambientes e em animais domésticos. A infecção através dela pode ter relação do material contaminado com o fungo, tornando mais fácil o contágio para profissionais que atuam no manejo rural, jardinagem, construção civil, médicos veterinários e pessoas com contato direto com o animal contaminado (TAVARES, 2018).

No Brasil, devido ao fato da doença ser negligenciada por muitos anos, deixou de ser uma doença rara e passou a ter casos descontrolados em algumas regiões. Os principais fatores que contribuem para o agravamento da disseminação dessa doença é as dificuldades socioeconômicas e ambientais, analfabetismo, a desigualdade econômica, pobreza, desemprego e saneamento básico precário, somadas a isso, ainda tem os escassos serviços de saúde que corroboram com o surgimento de relatos de esporotricose, um exemplo disso, foi quando surgiu os primeiros relatos no estado do Rio de Janeiro e se propagou para os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais (GREMIÃO et al., 2020). Aliás, na capital do estado do Espírito Santo, estima-se que existam de 2 mil a 3 mil animais com esporotricose. Isso devido a demora da implementação das notificações compulsórias em consultórios médicos e veterinários para o registro dessa doença. Na capital Vitória, um veterinário do Município considerou essa doença como uma endemia zoonótica nesse estado (BONN, 2021).

## 2.4 PATOGENIA ESPOROTRICOSE FELINA

A infecção da esporotricose em gatos se torna mais comum e mais disseminadora, pois, esses animais quando infectado pela esporotricose apresenta uma alta carga fúngica em suas salivas e unhas (BAZZI et al., 2016), ademais, felinos possuem hábitos que necessitam de utilizar a terra, também de afiar as garras em troncos de árvores, e ainda, os gatos machos são territorialistas e brigam com frequência, se arranhando e mordendo uns aos outros e até mesmo outros animais (SANTOS, 2020). Com isso, as cicatrizes deixadas impedem a identificação inicial da doença (MENESES, 2012) e as características da esporotricose em gatos varia muito, podendo ocorrer desde lesões cutâneas isoladas (normalmente no rosto) que se não diagnosticada e tratada pode progredir para múltiplas lesões cutâneas piorando até o animal vir a óbito. Os nódulos e úlceras são bem comuns nos felinos e podem ser perceptíveis devido aos sinais respiratórios e acometimentos na mucosa do animal (GREMIÃO et al., 2015).

## 2.5 DIAGNÓSTICO

Devido à diversidade de formas clínicas, apresentadas pela esporotricose, ela pode ser clinicamente confundida com muitas doenças tegumentares e sistêmicas, infecciosas e não infecciosas (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE, 2020). O diagnóstico do *Sporothrix* pode ser realizado por meio de Sabouraud (MORAES, 2018). Dessa forma, é possível realizar a identificação da espécie por meio da morfologia e da fenotipagem (GREMIÃO, 2015). Em clínicas veterinárias, a identificação é realizada por meio do *imprinting* das lesões de gatos domésticos em lâmina de vidro, assim é possível analisar as estruturas leveduriformes, que

podem estar internalizadas nos fagócitos (MACÊDO-SALES et al., 2018). Para o diagnóstico através da técnica de microcultura, é possível identificar os casos de pacientes que não foram tratados com iodetos e esse processo leva 48 horas. No entanto, as formas parasitárias, pode corar o pus pelo Gram, Giemsa ou por testes similares a estes. Para melhor visualização, é necessário que se realize a diluição do pus em solução fisiológica antes de estendê-lo, assim, será possível eliminar os aglomerados de piócitos que dificultam a observação do fungo. Ademais, as técnicas de laboratório para o diagnóstico do complexo *S. schenckii* constitui o padrão-ouro e, em seguida, a identificação macro e micromorfológica e da prova de termoconversão *in vitro* (MORAES, 2018).

## 2.6 TRATAMENTO

Para o tratamento fúngico da esporotricose em humanos recomenda-se o emprego de iodeto de sódio podendo ser usado via oral ou endovenosa ou potássio, administrado via oral. O tratamento indicado para uma pessoa adulta é de 2g por dia, onde é recomendado o prolongamento do tratamento, assim garante a cura e evita as recaídas. Esse medicamento pode acarretar intolerância gástrica, devido a isso, é também recomendado o uso de medicamentos orgânicos que contém o iodo em sua estrutura química. Se caso houver também a ocorrência de iodismo, será necessário a utilização dos antimonias usados para o tratamento das leishmanioses ou vacinas, estas de preferência por via intradérmica (esporotriquina) (BARROS, 2004).

O itraconazol é utilizado para as formas cutâneas, sendo indicada para os humanos e para os animais, e auxilia na cicatrização da doença, o Cetoconazol, é muito utilizado para o tratamento em gatos, mas tem grandes chances de causar efeitos colaterais. O itraconazol administrada de forma intralesional com a Anfotericina B pode ser uma terapia para casos de esporotricose felina (SANTOS et al., 2018).

## 3. METODOLOGIA

Com o intuito de analisar o conhecimento dos tutores de felinos acerca da esporotricose, foi elaborado um questionário online via Google Forms ([https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScRMFXAmpP5qr9c4MQ-p6IgT\\_hD1\\_-Ze9CbWF1xqGu4S0www/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScRMFXAmpP5qr9c4MQ-p6IgT_hD1_-Ze9CbWF1xqGu4S0www/viewform?usp=sf_link)), contendo 16 questões objetivas. O questionário foi enviado ao público-alvo através de meios eletrônicos, como WhatsApp, Facebook e Instagram, com período de respostas entre 03 de outubro e 19 de outubro de 2022.

Após a coleta das respostas dos questionários, foi avaliado os gráficos. A análise de dados foi realizada de forma qualitativa e quantitativa para cada táxon, por meio de gráficos, a fim de se obter informações sobre os manejos mais indicados e utilizados pelos entrevistados, os quais poderão ser comparados e complementados com dados da literatura.

Como forma de divulgar informações acerca da esporotricose em gatos domésticos, foram realizadas pesquisas bibliográficas por meio de livros, artigos e sites científicos para produção de uma cartilha informativa (Apêndice) contendo dados importantes sobre a doença, tais como formas de contágio e transmissão, medidas profiláticas e tratamento para animais contaminados, além de indicação de locais de referências para auxílio aos felinos e humanos

caso a doença venha a afetá-los. Esse material foi difundido para os participantes da pesquisa através de devolução via e-mail informado antes do preenchimento do questionário, além de publicações em redes sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de 03 a 19 de outubro de 2022, 148 tutores de felinos responderam ao questionário, dos quais 46 (31,1%) tinham de 18 a 24 anos; 33 (22,3%) de 25 a 34 anos; 31 (20,9%) de 35 a 44 anos; 24 (16,2%) de 45 a 54 anos e 14 (9,5%) de 55 anos ou mais. Apenas um reside no estado do Rio de Janeiro e o restante no Espírito Santo. Para este Estado, a maioria dos moradores são de Vila Velha e Serra - 38 (25,7%) participantes em cada município, seguido por Vitória, com 35 (23,8%), Cariacica com 21 (14,2%); Domingos Martins com 5 (3,4%); Viana com 2 (1,4%) e Castelo, Fundão, Guarapari, Iconha, Linhares, Marechal Floriano, Piúma e Vargem Alta, cada município com um participante.

Com relação ao tipo de residência, 85 (57,4%) pessoas afirmaram morar em casas; 57 (38,5%) em apartamentos; 4 (2,7%) em chácaras e 2 (1,4%) em sítios. Quanto ao acesso dos felinos à rua, cerca de 77 (52%) afirmaram que os felinos não têm acesso a rua já que a residência é telada; 29 (19,6%) afirmaram que os gatos tem sim acesso a rua, mas por pequenos períodos de tempo; 21 (14,2%) disseram que os gatos não têm acesso a rua e mantêm as janelas e portas fechadas; 17 (11,5%) afirmaram que os seus animais tem total acesso a rua e 4 (2,7%) dizem que seus animais passeiam junto com o tutor (Figura 1). A forma mais eficaz de diminuir a propagação dessa doença é prevenir primariamente a esporotricose em felinos. Tendo em vista que os resultados deste trabalho mostram que mesmo em menor quantidade, ainda há tutores que permitem o acesso dos gatos às ruas, fazendo necessária a conscientização dos tutores e da população para a guarda responsável dos animais, orientando sobre a realização da castração e restrição do acesso a rua (ESPÍRITO SANTO, 2022; SANTOS et al., 2018).

Já em relação à quantidade de felinos na residência, 67 (45,3%) pessoas responderam que têm de dois a cinco gatos; 55 (37,2%) afirmaram ter apenas um animal; 19 (12,8%) possuem de 6 a 10; 4 (2,7%) de 11 a 19 e 3 (2%) afirmaram que têm 20 ou mais felinos em sua residência. A maioria - 109 (73,6%) participantes - afirma, ainda, que seus gatos são castrados e 39 (26,4%) disseram que não são (Figura 1). Isso reforça a ideia que mesmo se o gato for castrado, mas tiver acesso às vias públicas, ele apresentará um risco alto de contrair e transmitir a doença para seus tutores e demais animais do seu ambiente residual (ANDRADE et al., 2022), uma vez que felinos domésticos errantes ou querenciados infectados com a doença possuem uma grande quantidade de carga fúngica em sua boca e unhas (BARBOSA, 2020).

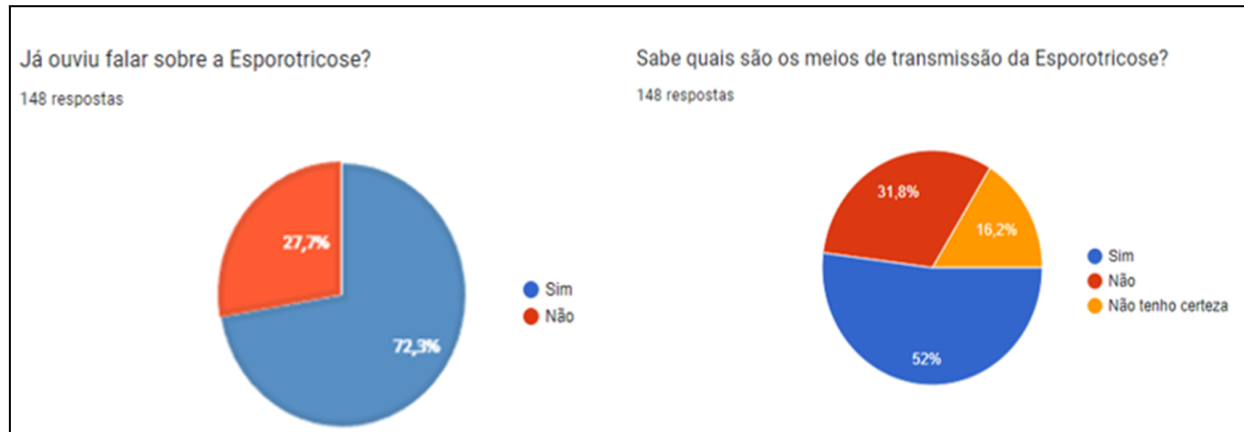
Figura 1: Respostas obtidas a partir do questionário.



Fonte: Google forms

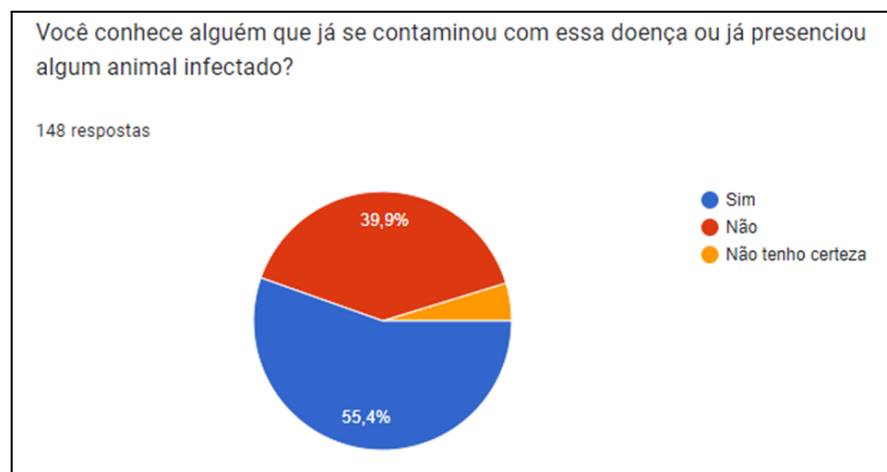
Quando perguntado se os tutores já haviam ouvido falar sobre esporotricose a maioria - 107 (72,3%) respondentes - afirmou que sim, 41 (27,7%) afirmaram que não (Figura 2). Já na questão em que era perguntado se o tutor já se contaminou com essa doença ou já presenciou algum animal infectado, 82 (55,4%) pessoas afirmaram que sim; 59 (39,9%) que não e 7 (4,7%) que não tinham certeza (Figura 2). Além disso, sobre os meios de transmissão da esporotricose, a maioria - 77 (52%) indivíduos - afirmou que sabe como a doença é propagada; 47 (31,8%) que não e 24 (16,2%) que não tinha certeza (Figura 3). Vale ressaltar que, mesmo que a maioria dos entrevistados tenham afirmado conhecer a esporotricose, seus meios de transmissão e já ter presenciado ou se infectado com a doença, houve divergências nas respostas sobre os meios de transmissão. Isso demonstra a desinformação dos conhecimentos gerais da esporotricose e a falta de interação de médicos e veterinários no âmbito de instruir e esclarecer mais sobre a patologia, dificultando o surgimento de mais relatos de casos sem o olhar perspicaz da fonte causadora (DA SILVA, 2014).

Figura 2: Respostas obtidas a partir do questionário.



Fonte: Google forms

Figura 3: Resposta obtida a partir do questionário.



Fonte: Google forms

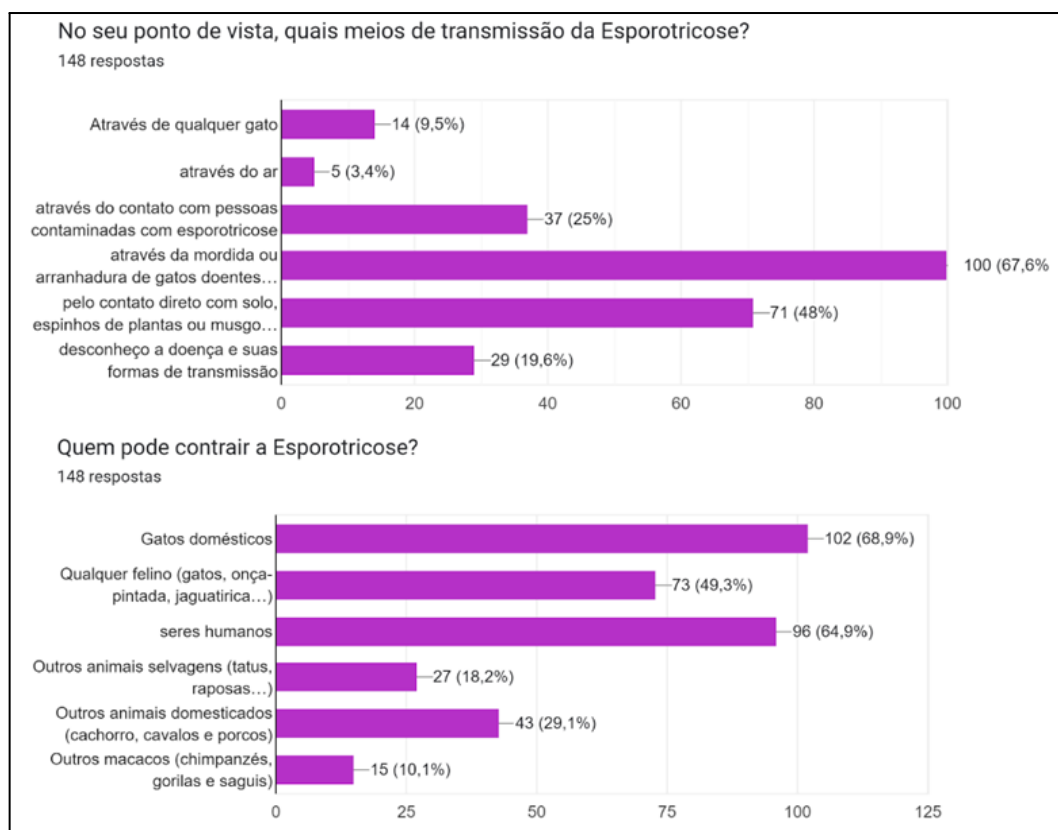
A questão sobre as formas de propagação da esporotricose permitia respostas múltiplas, e dentre as mais apontadas estão a mordedura e arranhadura de gatos doentes com a doença, 100 (67,6%) pessoas; o contato direto com o solo, musgos, espinhos de planta contaminados - 71 (48%); através do contato com pessoas contaminadas com esporotricose - pelo contato com pessoas infectadas com esporotricose 37 (25%); através de qualquer gato - 14 (9,5%) e, ainda, transmissão pelo ar - 5 (3,4%). Dentre os participantes, apenas 29 (19,6%) disseram desconhecer a doença e suas formas de transmissão (Figura 4).

Com relação aos animais que podem contrair a esporotricose, sendo essa, uma pergunta que também permitia múltiplas respostas, 102 (68,9%) pessoas afirmaram que somente os gatos domésticos são alvos; 96 (64,9%) apontaram que os seres humanos podem ser contaminados; 73 (49,3%) disseram que qualquer felino, como gatos, onça pintada, jaguatirica, podem contrair a doença; 43 (29,1%) disseram que outros animais domésticos como cachorros, cavalos e porcos podem se contaminar; 27 (18,2%) indicaram que outros animais como

raposas, tatus, etc., podem ser alvo; e 15 (10,1%) afirmaram que chimpanzés, gorilas e saguis também podem ser vítimas da doença (Figura 4).

Em relação aos meios de transmissão e contração da esporotricose, apenas gatos portadores da doença ou assintomáticos podem transmitir a esporotricose através de arranhadura ou mordedura nos humanos e outros animais (PIRES, 2017), embora parte dos entrevistados tenham mencionado que qualquer gato pode transmitir a doença. Ainda, houve respostas afirmativas sobre uma pessoa contaminada pode transmitir a doença a outra sadia. Apesar da grande facilidade da transmissão da esporotricose, ainda não tem registros que comprovem a transmissão de uma pessoa portadora da doença para uma sadia (LARSSON, 2011). Embora pouco mencionada dentre os respondentes, apesar de rara, a transmissão desse fungo pode ocorrer também pela via aérea (LARSSON, 2011; FIOCRUZ, 2018; BRASIL, 2019) ou digestiva, levando imediatamente a doença a desenvolver o quadro sistêmico (LARSSON, 2011). Além disso, a esporotricose pode acometer diversos animais, sendo os mamíferos silvestres e domésticos os mais suscetíveis como por exemplo: cães, cavalos, rato, camundongo, chimpanzé, tatu, felinos e os humanos (MARQUES et al., 1993).

Figura 4: Respostas obtidas a partir do questionário.

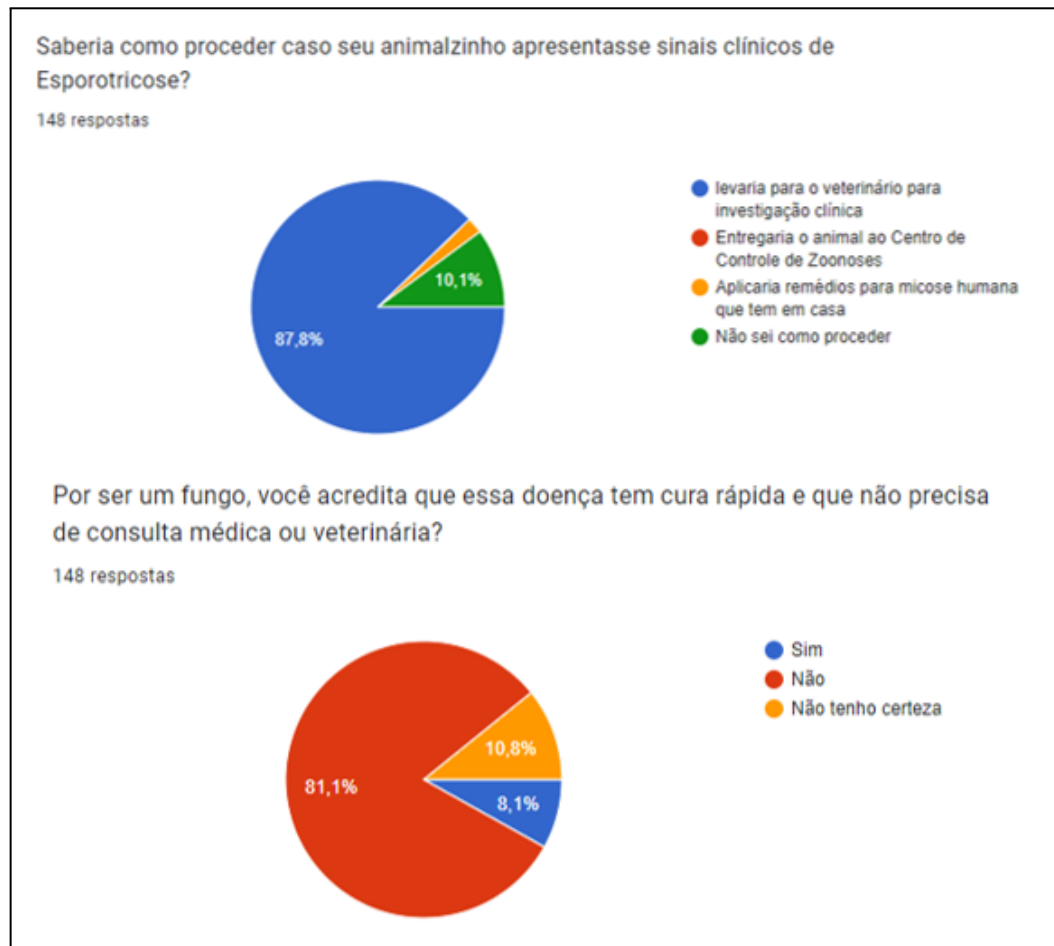


Fonte: Google forms

Quando questionado se essa doença fúngica tem cura rápida, sem necessidade de consulta médica ou veterinária, a maioria - 120 (81,1%) respondentes - afirmou que não, 16 (10,8%) disseram que não tem certeza e 12 (8,1%) afirmaram que sim (Figura 5). Caso seus animais domésticos apresentassem sinais clínicos de esporotricose, 130 (87,8%) tutores disseram que levariam-nos ao veterinário; 15 (10,1%) não saberiam como proceder; 3 (2%) aplicariam remédios para micose humana existentes em casa, mas ninguém disse que entregaria o animal para o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) (Figura 5). A esporotricose tem que ser identificada por médicos e veterinários, já que essas podem ser confundidas com outras doenças, além de que diferentes formas de esporotricose requerem administração de antifúngicos e/ou outras medidas. O tratamento padrão de esporotricose inclui uso de Itraconazol ou Fluconazol, sendo que este apesar de menos efetivo, é indicado caso o paciente apresente intolerância ao Itraconazol (CAUS, 2013). No caso de sintomas clínicos de esporotricose humana, 131 (88,5%) participantes afirmaram que procurariam ajuda médica com dermatologistas ou infectologistas; 12 (8,1%) não saberiam como proceder; 5 (3,4%) passariam uma pomada para micoses (Figura 6).

Sendo assim, quando perguntado se os tutores saberiam como proceder em caso de morte do animal com suspeita da esporotricose, 102 (68,9%) disseram que entrariam em contato com o veterinário para realizar a cremação; 31 (20,9%) afirmaram não saber como proceder; 14 (9,5%) enterrariam o animal imediatamente, e 1 pessoa (0,7) escolheu a opção de colocar o corpo do animal em saco plástico e descartar como lixo comum (Figura 6). Como citado por Caus (2013), a doença precisa ser identificada por um profissional, e segundo Orofino-Costa (2017), ademais, um diagnóstico diferencial precisa ser realizado já que a doença pode ser confundida com diversas doenças como a Leishmaniose tegumentar, hanseníase, sífilis, meningite, dentre outras. Portanto, em casos somente quando a impossibilidade de cura do animal, é realizada a eutanásia e a destinação correta dos cadáveres é a inceneração (ESPÍRITO SANTO, 2022; SANTOS et al., 2018). Demais atitudes citadas pelos entrevistados, tais como o descarte do corpo do animal em lixo comum, enterro ou abandono do cadáver em terreno baldio, propiciam a contaminação do solo pelo fungo, causando uma maior propagação do microrganismo no ambiente e podendo acometer outros animais que têm contato com a região (BARROS et al., 2010).

Figura 5: Respostas obtidas a partir do questionário.



Fonte: Google forms

Figura 6: Respostas obtidas a partir do questionário.



Fonte: Google forms

Após o questionário respondido os tutores de felinos recebia um link para acesso da cartilha: [https://www.canva.com/design/DAFNFnUYiRo/dELFUxSc39ADWPbkbT6-eQ/view?utm\\_content=DAFNFnUYiRo&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link2&utm\\_source=sharebutton](https://www.canva.com/design/DAFNFnUYiRo/dELFUxSc39ADWPbkbT6-eQ/view?utm_content=DAFNFnUYiRo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton). Que foi elaborada com intuito de trazer informações e esclarecimento sobre a esporotricose.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os fatores mencionados sobre a disseminação da esporotricose, é compreensível que essa doença zoonótica tenha um desenvolvimento acelerado em ambientes de clima tropical, como o Brasil. Ainda assim, mesmo que tenham passado muitos anos desde a notificação dos primeiros casos no País, a população do Espírito Santo demonstrou saber o que é a doença; porém, desconhece as suas formas de transmissão, tratamentos e cuidados preventivos. Também desconhecem os recursos gratuitos que são disponibilizados para o tratamento das pessoas e dos seus animais doentes. Isso se dá pela falta de políticas públicas que visem divulgar e conscientizar a sociedade sobre a esporotricose.

Além disso, a deficiência da oferta nas assistências para as consultas, tratamento e esterilização de animais pelo poder público, bem como a negligência de comprometimento dos tutores com a saúde de animais, acarreta no aumento populacional dos felinos, gerando disputas por território e acasalamentos. Com isso, cresce o número de gatos contaminados em meio urbano. Portanto, é possível perceber que a esporotricose se tornou uma doença endêmica em muitos estados do Brasil e, mesmo assim, poucos são os meios de divulgação e conscientização da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana J., et al. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesq. Vet. Bras.** **38**.Scielo, p.6, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/W4y6kRMWDxZ5XKwjnqgVWKv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 19 Out 2021.
- ALTERTHUM, Flávio. **Microbiologia**, in: GOMPERTZ, Olga Fischman; GAMBALE, Walderez; CORRÊA, Benedito; PAULA, Claudete Rodrigues. Editora Atheneu, São Paulo, 6 ed. p-587, 2015.
- ANDRADE, Elisa Helena Paes, **Surto Doméstico de Esporotricose: Rumo a uma Abordagem de Saúde Única**. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 2022. Disponível em: <https://www.sbmt.org.br/portal/surto-domestico-de-esporotricose-rumo-a-uma-abordagem-de-saude-unica/> Acesso: 13 de Novembro de 2022
- BARBOSA Giselle da Silva. **Estratégia de diagnóstico, suscetibilidade antifúngica e epidemiológica da esporotricose**. Dissertação (Pós- graduação em Biologia de Fungos) – Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, p. 63. 2020.
- BARROS Monica Bastos de Lima, et al. **Cat-Transmitted Sporotrichosis Epidemic in Rio de Janeiro, Brazil: Description of a Series of Cases**, *Clinical Infectious Diseases*, Volume 38, Issue 4, 15, P 529–535, 2004.
- BARROS, Monica Bastos de Lima et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC). **Rev Panam Salud Pública**. 2010;27(6):455–60. Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- BAZZI, Talissa et al. **Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina** 1.1 Parte da Dissertação de Mestrado do primeiro autor . Pesquisa Veterinária Brasileira, 2016, v. 36, n. 4. p. 303-311. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-736X2016000400009>>. Acesso 2 Nov 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Esporotricose**. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/esporotricose>. Acesso: 25 nov. 2022.
- BONN, Marcos. **Veterinário pede notificação de zoonose**. Assembleia Legislativa do Espírito Santo, 2021. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2021/04/40809/veterinario-pede-notificacao-de-zoonose.html>. Acesso dia 30 de Outubro de 2021.
- CAUS, Antonio Luiz de Oliveira. **Esporotricose no Espírito Santo: Um estudo de três décadas**. Dissertação (Pós- graduação em Doenças Infecciosas) Universidade Federal do Espírito Santo, ES, p. 53. 2013.
- CHAKRABARTI, Arunaloke; BONIFAZ, Alexandro; GALHARDO, Maria Clara Gutierrez; MOCHIZUKI, Takashi; LI, Shanshan. **Global epidemiology of sporotrichosis**, Medical Mycology, Volume 53, Issue 1, January 2015, Pages 3–14, Available in <https://doi.org/10.1093/mmy/myu062>. day access: 20 October 2021.

CHAVES, Adriana da Roza. **Evolução clínica dos casos de esporotricose felina diagnosticados no Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC)/Fiocruz no período de 1998 a 2005**. Tese apresentada ao Curso de Pós Graduação em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas para obtenção do grau de Doutor em Ciências. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2011.

DA ROSA, Cristiano Silva et al. Terapêutica da esporotricose: revisão. **Science and Animal Health**, v. 5, n. 3, p. 212-228, 2017.

DA SILVA, Franklin de Moraes Vaz, **Conhecimentos e percepção sobre esporotricose em região endêmica: Pelotas, RS, Brasil**. Dissertação (Pós- graduação em Veterinária Preventiva), Universidade Federal de Pelotas. p. 47. Pelotas- RS, 2014.

DA SILVA, Glenda Souza et al. A Esporotricose em Felinos. **Revista Intellectus**, Vol 56 N.º1, Jaguariúna-SP, 2020.

ESPÍRITO SANTO, Governo do estado do. **1º Protocolo de vigilância e manejo clínico da esporotricose humana e animal do estado do Espírito Santo**. Secretaria do Estado da saúde- Núcleo especial de Vigilância e epidemiologia, Espírito Santo-ES, 2022-6HHTTZ - E-DOCS - DOCUMENTO ORIGINAL, p.14 / 38 15 DE MARÇO DE 2022, ESPÍRITO SANTO 2022.

ESPÍRITO SANTO, Governo do estado do. **PORTARIA Nº 001-R, DE 02 DE JANEIRO DE 2020**, ESPÍRITO SANTO, 2020.

FERREIRA, Cassio Porto. **Descrição de aspectos clínicos e laboratoriais de pacientes com esporotricose e Leishmaniose Tegumentar Americana, com ênfase em mulheres grávidas**. Fundação Oswaldo Cruz, 112. Rio de Janeiro, 2016.

FERREIRA, Jessica. **Caracterização fenotípica de cepas dentro do complexo *Sporothrix schenckii* e correlação com as formas clínicas da esporotricose**. Monografia (Graduação), p.66, João Pessoa, 2018.

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira et al. **Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects**. Med Mycol, vol. 26,3 (2020): 53(1):15-21. doi: 10.1093/mmy/myu061. Epub 2014. PMID: 25477076, 2015.

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira et al. **Geographic Expansion of Sporotrichosis, Brazil**. Emerg Infect Dis, vol. 26,3 (2020): 621-624. doi: 10.3201 / eid 2603.190803, 2020.

LARSSON, C. E. Sporotrichosis. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011. DOI: 10.11606/S1413-95962011000300010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/34389>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LEVINSON, Warren; **Microbiologia médica e imunologia**. [tradução: QUINAN, Bárbara Resende et al ]. Revisão técnica: FONSECA, Flávio Guimarães.-12ed. porto Alegre: AMGH, 2014.

MACÊDO-SALES, Pâmella Antunes de et al. Diagnóstico de laboratório de la esporotricosis felina en muestras recogidas en el estado de Rio de Janeiro, Brasil: limitaciones de la impronta citológica. **Rev Pan-Amaz Saude [online]**. 2018, vol.9, n.2, pp.13-19. ISSN 2176-6223.

MADRID, Isabel Martins et al. **Análise morfológica e termotolerância de isolados clínicos e do ambiente de *Sporothrix schenckii* do sul do Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), RS. R. bras. Ci. Vet., v. 18, n. 2/3, p. 57-61, 2011.

MARQUES, Silvio Alencar et al. Esporotricose do gato doméstico (*Felis catus*): transmissão humana. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo [online]**. 1993, v. 35, n. 4 [Acessado 17 Novembro 2022] , pp. 327-330. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0036-46651993000400004>>. Epub 21 Jul 2006. ISSN 1678-9946. <https://doi.org/10.1590/S0036-46651993000400004>.

MARIMON, Rita et al. **Molecular phylogeny of *Sporothrix schenckii***. Journal of Clinical Microbiology, Vol. 44, No. 9, 2020. <https://journals.asm.org/doi/full/10.1128/JCM.00081-06>

MENESES, Mariana da Silva. **Esporotricose felina: Relato de Casos**. Monografia (Especialista em Clínica Médica de Pequenos Animais) Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. p. 33, Porto Alegre - RS 2012.

MORAES, Ruy Gomes de; LEITE, Ignácio da costa, GOULART, Enio Garcia 1909-1973, **Parasitologia & Micologia Humana**. – 5. ed. / revista e atualizada [por] Reginaldo Peçanha Brazil. – Rio de Janeiro : Cultura Médica : Guanabara Koogan,. 608p. 2018.

NETO, Roberto da Justa P. et al. Esporotricose cutânea disseminada como manifestação inicial da síndrome da imunodeficiência adquirida - relato de caso. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical** 32(1):57-61, p 5. São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Manoel Marques Evangelista de,. **Identificação e Análises Filogenéticas de espécies do gênero *Sporothrix* isoladas em áreas endêmicas de esporotricose no Estado do Rio de Janeiro**. 67 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, Rio de Janeiro- RJ, 2009.  
[https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciet/9241/1/manoel\\_oliveira\\_ipec\\_mest\\_2009.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/iciet/9241/1/manoel_oliveira_ipec_mest_2009.pdf)

PAES, Rodrigo Almeida et al. **Esporotricose no Rio de Janeiro, Brasil: *Sporothrix brasiliensis* está associado a apresentações clínicas atípicas**. PLoS Negl Trop Dis 8(9):Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0003094>, 2014. Acesso dia 21 de Julho de 2022.

PEREIRA, Sandro Antônio, et al., Aspectos terapêuticos da esporotricose felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 311–321, 2018. DOI: 10.22456/1679-9216.16781. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/16781>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina / Feline sporotrichosis: a literature review / **Rev. de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP** / Journal of Continuing Education in Animal Science of CRMV-SP. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v. 15, n. 1, p.16-23, 2017.

RIO DE JANEIRO, FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Esporotricose**, 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>. Acesso: 26 nov. 2022.

ROCHA, Arnaldo(org). **Fundamentos da Microbiologia**. in: MATTOS, Liliana Patrícia Vital; CANOVA, Sarah Pitago. Editora Rideel, p. 93. São Paulo, 2016.

ROMERO, Everardo López et al. ***Sporothrix schenckii* complex and sporotrichosis, an emerging health problem**. Future Microbiology. V. 6, N. 1, 2010.

ROSSATO, Luana. ***Sporothrix brasiliensis*: aspectos imunológicos e virulência**. Tese de doutorado (fisiopatologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 19-138, 2017.

SANTA CATARINA, Governo do Estado de, **Protocolo Estadual Esporotricose humana e Animal**. Secretaria de Estado da Saúde Superintendência de Vigilância em Saúde Diretoria de Vigilância Epidemiológica, 2022. Disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/phocadownload/doencas-agrivos/Esporotricose/Publicacoes/Protocolo-Esporotricose-28-03-2022.pdf>. Acesso: 29 de out 2022.

SANTOS, Ágna Ferreira. **Esporotricose felina: distribuição das lesões e caracterização anatomopatológica utilizando diversos métodos de diagnóstico.** Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária. Belo Horizonte - MG p. 53. 2020.

SANTOS, Ágna Ferreira et al. 2018. Guia Prático para enfrentamento da Esporotricose Felina em Minas Gerais. **Revista V & Z em Minas**, Minas Gerais, N. 137, 2018. Disponível em: <http://www.crmvmg.gov.br/arquivos/ascom/espore.pdf>. Acesso dia 01 de Novembro de 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE. **Vigilância e Manejo Clínico da Esporotricose Humana no Município de São Paulo.** Coordenadoria de Vigilância em Saúde-COVISA, 2020 Disponível em: [https://docs.bvsaud.org/biblioref/2020/08/1102196/nota-tecnica-09-dve-zoo-2020\\_esporetricrose\\_v6-alterada-a-pedid\\_CBJA7E3.pdf](https://docs.bvsaud.org/biblioref/2020/08/1102196/nota-tecnica-09-dve-zoo-2020_esporetricrose_v6-alterada-a-pedid_CBJA7E3.pdf) . Acesso dia: 31 de Outubro de 2021.

STECANELLA, Vitória Gambaro. Esporotricose Felina: Relato de caso. **Revista Uningá**, v. 34, n. S1, pág. 29, 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/3082#:~:text=No%20Brasil%2C%20a%20esporotricose%20em,no%20munic%C3%ADpio%20de%20Paranava%C3%AD%2C%20Paran%C3%A1>. Acesso: 20 ago 2022

TAVARES, Priscila Lemos. **Relações interespecíficas de *Sporothrix schenckii sensu stricto* e *Sporothrix brasiliensis* com *Acanthamoeba castellanii*.** Dissertação ( Pós em Medicina: Ciências Médicas), UFRGS. Porto Alegre, 2018.

## APÊNDICES A- CARTILHA INFORMATIVA SOBRE A ESPOROTRICOSE

- 1) Qual sua faixa etária?
  - a) 18- 24
  - b) 25-34
  - c) 35-44
  - d) 45-54
  - e) 55 ou mais
- 2) Em qual estado você mora?
- 3) Em qual cidade você mora?
- 4) Característica da Residência:
  - a) Apartamento
  - b) Casa
  - c) Chácara
  - d) Sítio
- 5) Qual a quantidade de felinos em sua residência?
  - a) 1
  - b) 2 a 5
  - c) 6 a 10
  - d) 11 a 19
  - e) 20 ou mais

- 6) Seu (s) gato (s) são castrados?
- a) Sim
  - b) Não
- 7) Seu (s) gato (s) tem acesso a rua?
- a) Sim, apenas por curtos períodos de tempo
  - b) Sim, ele (s) tem acesso livre a rua
  - c) Sim, em passeios junto com o tutor
  - d) Não, minha residência é telada e não permitir acesso dos meus gatos a rua
  - e) Não, minha residência não é telada, mas mantenho janelas e portas sempre fechadas.
- 8) Já ouviu falar sobre a esporotricose?
- a) Sim
  - b) Não
- 5) Sabe quais são os meios de transmissão da esporotricose?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Não tenho certeza
- 6) Você conhece alguém que já se contaminou com essa doença ou já presenciou algum animal infectado?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Não tenho certeza
- 7) No seu ponto de vista, quais os meios de transmissão da esporotricose?
- a) Através de qualquer gato
  - b) Através do ar
  - c) Através do contato com pessoas contaminadas com a esporotricose
  - d) Através da arranhadura ou mordedura de gatos doentes doentes
  - e) Pelo contato direto com o solo, espinhos de plantas e musgos
  - f) Desconheço a doença e suas formas de transmissão
- 8) Quem pode contrair a esporotricose?
- a) gatos domésticos
  - b) Qualquer felino (gatos, onças pintadas, jaguatiricas...)
  - c) Seres humanos
  - d) Outros animais domésticos (Cachorros, cavalos e porcos)
  - e) Outros macacos ( Chimpanzés, gorilas, saguis...)

- 9) Saberíamos como proceder caso seu animal apresentasse sintomas clínicos da esporotricose?
- a) Levaria para o veterinário para uma investigação clínica
  - b) Entregaria o animal para o Centro de Controle de Zoonoses
  - c) Aplicaria remédios para micose em humanos que tem em casa
  - d) Não sei como proceder
- 10) Por se tratar de um fungo, você acredita que essa doença tem cura rápida e que não precisa de uma consulta médica ou veterinária?
- a) Sim
  - b) Não
  - c) Não tenho certeza
- 11) Saberíamos como proceder caso você apresentasse sintomas clínicos da esporotricose?
- a) Procuraria ajuda médica como dermatologista ou infectologista
  - b) Passaria pomada para micose
  - c) Cobriria a ferida com gazes limpas e deixaria os sintomas regredirem sozinhos
  - d) Não tenho certeza
- 12) Em caso de morte de algum animal com suspeita ou com a esporotricose, qual seria o melhor procedimento cadavérico a ser feito?
- a) Enterrar o animal imediatamente
  - b) Colocar o corpo do animal em um saco plástico e descartar como lixo comum
  - c) Entrar em contato com o veterinário ou com o controle de zoonoses para realizar a cremação do animal
  - d) Não sei como proceder

APÊNDICES B - CARTILHA INFORMATIVA SOBRE A ESPOROTRICOSE

Figura 7: Cartilha Informativa.



### Como identificar os primeiros sintomas em humanos?

Geralmente, a pessoa entra em contato com o fungo após algum acidente, por manuseio de terra, planta ou através da mordida ou arranhadura de algum animal infectado. Os primeiros sintomas podem variar de acordo com o estado de saúde do paciente. Após o trauma sofrido na pele, a lesão inicial apresenta-se como uma picada de inseto que se desenvolve rapidamente, variando desde feridas na pele (forma cutânea), até o acometimento dos órgãos internos (forma extracutânea).

A forma extracutânea pode apresentar tosse, falta de ar, dor ao respirar e febre (sintomas muito semelhante à tuberculose). Também pode provocar dores nos ossos e articulações, inchaço e dor ao movimentar-se (sintomas muito semelhante à artrite infecciosa). Devido a esses sintomas, a esporotricose pode ser confundida com diversas outras doenças. Sendo assim, deve-se procurar ajuda médica o mais rápido possível (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).



by Eliangela Costa Rodrigues

### COMO PROCEDER QUANDO O ANIMAL COM ESPOROTRICOSE VEM A ÓBITO?

Nunca enterre ou jogue seu animalzinho em terrenos baldios. Animais mortos com esporotricose tendem a disseminar a doença e, quando enterrados, o fungo contamina o ambiente, podendo afetar vários outros animais. O certo é fazer a cremação/incineração do corpo do animal (ESPIRITO SANTO, 2022). De acordo com a Resolução CONAMA nº 5, de agosto de 1993, cadáveres de animais mortos com risco de transmissão de agentes biológicos e que podem afetar a saúde pública devem ser incinerados por um veterinário (CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE, 2012).



### QUERO ADOTAR UM PET, MAS TENHO MEDO DA DOENÇA.

*Quais medidas devo adotar?*



By Luana Sperandio

Inicialmente, leve o animal a um veterinário e certifique-se como está o estado de saúde do bichano. Isso trará muita segurança para você, sua família e os outros animais; Coloque redes de proteção e castré-os, assim limita as fugas, diminuindo as chances dele ser contaminado com essa e outras doenças; E lembre-se que os animais domésticos têm um tempo de vida estimado de 10 a 18 anos. Adotá-los requer muitos cuidados e responsabilidades.

Fonte: Elaboração própria

ISSN:  
Ano 2022  
Volume 1 – Número 1

CIÊNCIA NA  
**PRÁTICA**

